



Mãos contemplativas

Primeira parte

A BELA OBRA DO HUMILDE AMOR



O nascimento e a forma da vida religiosa no Ocidente estão ligados à figura de um “vir Domini”, um homem de Deus oriundo da antiga Roma: Bento de Nor-

cia. Com ele se manifesta na Igreja uma síntese espiritual que, recolhendo o conteúdo de uma época, de uma cultura que exauriu o seu curso, e preanuncia tempos novos, emergidos do enraizamento do Evangelho em terras do Ocidente.

A sua intuição fundamental é que o humano consiste no coração que escuta, no olhar apaixonado, voltado para Jesus, tornado humilde. Do núcleo focado do coração “uno” (isto é, *monaco*) se irradia uma figura nova, que traz em si a atmosfera dos mártires: a bela obra do humilde amor. O humilde ato de amor tem fundamento num dinamismo de vida comum, de casa comum, de civilização, de cultura. A sucessiva releitura da intuição espiritual de Bento chega a condensá-la, numa síntese extrema, numa espécie de mantra que tradicionalmente identifica Bento e a sua tradição espiritual: «ora et labora». O que significa: um estilo de contemplação que, da plenitude da escuta de Deus, produz um olhar radiante e mãos operosas, que co-

loca raízes na terra e faz florescer o deserto.

A dimensão contemplativa que vivifica cada vida humana, no estilo espiritual amadurecido no âmbito monástico beneditino, assume, assim, uma conotação típica que – através da idade – irradia a ressonância do Evangelho em toda a Igreja e não apenas no Ocidente.

É necesario, de fato, precisar a categoria “contemplação” no sentido genuinamente cristão, aproximando-a do fundamento da fé: «Caro cardo salutis». Contemplar é inseparável do “tocar com as nossas mãos” (cf. 1Jo 1,1), escutar, ver, perceber, sentir. A oração se expande e floresce, adorante, na boa ação.

Portanto: a contemplação cristã, experiência do mistério da encarnação na declinação monástica beneditina, tem um estilo marcado de modo característico na impressão da “carne” como plasmabilidade.

O monastério propicia a difícil liberdade amadurecida na condição do “terreno”, lugar de ligações confiáveis, fraternas, hospitaleiras, em nome de Jesus. Dessa forma, contemplação, nesse âmbito espiritual, desafia, desorganiza o espaço da pura visão intelectual e do perfeito conhecimento. É contemplação através da nudez da carne, que, portanto, descombina todas as definições construídas mentalmente. Abre, no escuro abismo da carne, a transcendência da escuta.

É a escuta, na contemplação cristã, a experiência originária que gera a visão: é a escuta – através da leitura da Palavra escrita – que gera sabedoria, o gosto de contemplar termos impossíveis; é a escuta que reaviva todos os sentidos espirituais para um novo sentir – «em Cristo Jesus» (Fil 2,5). Maria de Nazaré não vê, mas não experiencia e canta o impossível depois de ter escutado a Palavra? E imediatamente, depressa, a escuta gera a saída de si para um ato de amor.

A CONTEMPLAÇÃO: VER ALÉM

São dois, para Bento, os pontos de luz fundamentais e inseparáveis para aquele “ver além” no qual consiste a contemplação (na acepção literal: delinear o espaço do céu no qual colher divinos prognósticos de futuro): a *oração* e o *trabalho*. *Oração*: imersão no horizonte da escuta de Deus que fala, celebração dos divinos mistérios. *Trabalho*: entranhar as mãos na terra e nos seus ritmos, no entrecruzar-se das relações.

Dito de outra forma: a humildade de estar à escuta de cada voz – porque para o homem de Deus preparado para ler as Escrituras Santas «nada é sem voz» (1Cor 14,10) – e, em estreita dependência da escuta, a humildade de dar-se conta da obra de Deus, na criação e nas relações, de geração em geração. O humilde é aquele que, sedento de Deus, através de cada coisa se aceita e a Deus responde com amor agradecido, ao amor que transborda. O humilde é o contemplativo.

A visão antropológica antiga era inclinada a ver uma contraposição entre o *homo cogitans*, ou também *orans* e o *homo faber*. A contraposição tinha em si uma inflexão de olhar negativo sobre a atividade “exterior”. O agir, nessa visão um pouco estática, era vista como pura possibilidade, expressão por parte do sujeito de servil submissão à necessidade ou de capacidade empreendedora.

Não existe espaço, fora da forma cristã, para a ideia de um ato através do qual o sujeito procura a própria verdade, procura Deus: adora. Aqui está, pois, o horizonte do agir evangelicamente interpretado: «faze isto e viverás» (Lc 10,37), e é também o horizonte da prática no contexto simbólico da vida monástica.

Agostinho, mas sobretudo Gregório Magno – e com ele toda uma linha de padres espirituais – colocavam a questão da relação entre momento contemplativo da vida e momento prático em termos tendencialmente conflituosos (basta pensar no prólogo do Livro dos *Diálogos*). Bento, por sua vez, intuiu um horizonte novo, aberto justamente pela surpreendente irrupção do Evangelho, o horizonte aberto pela intencionalidade teológica do agir: nada há de mais importante do que Cristo, e o mostra em cada atitude e ato, em cada obra e em cada provação cotidiana.

A Regra beneditina, na realidade, passou à história como inspiradora de um novo equilíbrio, dinâmico, entre as duas dimensões do ânimo humano: o meditativo e o prático. Na realidade, Bento herda essa sabedoria espiritual dos padres do deserto. Pensa-se no primeiro provérbio de Antonio eremita, segundo a coleção alfabética. Abba Antonio era assediado pela tentação de julgar que sua vida era inútil, chorava e pedia ajuda a Deus, pedindo-lhe como salvar-se.

De repente – diz o texto – lhe aparece ao lado «um outro como se fosse ele», talvez um anjo. Esse “outro como ele” (é importante sublinhar as duas dimensões presentes: da afinidade e a da alteridade) rezava, depois interrompia e começava a trabalhar, entrelaçando tudo como numa trama, para depois, novamente, imergir na oração: e assim aconteceu durante todo o dia, os dois momentos vitais se alternando em um ritmo que dá nova harmonia à vida. «Faça assim, e será salvo», é o ensinamento do outro como ele.

Se este é o estilo originário de Bento, homem de Deus, hoje, porém, surge a pergunta: como o princípio monástico sustenta as articulações quando é envolvido num contexto cultural moderno, e inclinado ao personalismo totalmente particularizado, e ainda mais em contraste com o contexto pós-moderno?

Madre Ignazia Angelini,
abadessa do Mosteiro beneditino
de Viboldone (Milão)